

O CENTRÃO E A DIREITA NA ERA DAS IDEOLOGIAS

"Se a regra que você seguiu o trouxe até aqui, de que serve essa regra?" é a pergunta que Anton Chigurh, no incrível livro *Onde os Velhos Não Têm Vez*, de Cormac McCarthy, faz no auge do seu realismo, segundos antes de atirar. Uma ideia simples, mas tão poderosa, que deveria estar estampada, como um *memento mori*, nos escritórios da Faria Lima e nos gabinetes do Centrão. A elite política e econômica brasileira seguiu, por décadas, suas regras de etiqueta institucional, moderação tecnocrática e fé cega no liberalismo globalista - e para onde essas regras nos trouxeram? Para a beira de um abismo político e civilizacional, onde a esquerda se tornou hegemônica e voraz no consumo das riquezas nacionais. A insistência em candidatos de consenso domesticados prova que o establishment se recusa a aceitar o óbvio: o mundo mudou, as regras antigas morreram.

Enquanto banqueiros e articuladores políticos buscam uma "terceira via" presa aos manuais dos anos 90, o planeta observa a morte anunciada do sistema liberal. A vitória de José Antonio Kast no Chile é a confirmação de que a América Latina está acordando para a necessidade de ordem, autoridade e defesa intransigente dos valores ocidentais. Kast, assim como Milei, venceu afirmando uma identidade clara de nacionalismo conservador, não pedindo licença ao centro. O governo americano, com a divulgação da sua 'Doutrina Monroe 2.0', deixou claro que o Ocidente é território prioritário e que as influências chinesa e russa serão combatidas. A era do globalismo acabou e, agora, ou se fortalece internamente, ou se vira presa fácil para aqueles que o fizeram.

A cegueira da Faria Lima é ainda mais constrangedora quando contrastada com a lucidez de seus pares ao redor do planeta. O JP Morgan e o mercado financeiro americano já entenderam o novo *zeitgeist*, abandonaram as ilusões do livre mercado sem fronteiras e anunciaram financiar o "America First", injetando trilhões na reindustrialização e na defesa nacional, percebendo que, no século XXI, a segurança geopolítica vai preceder o lucro. Na Ásia e na Europa, o movimento é idêntico, com o dinheiro seguindo a soberania. Mas no Brasil o mercado financeiro insiste em apostar contra o próprio destino, sonhando com gestores que tratam o país como uma grande empresa auditada, e não como uma nação a ser defendida.

É neste cenário que a indicação de Flávio Bolsonaro surge não apenas como uma manobra legítima de Jair Bolsonaro, mas como um imperativo de sobrevivência geopolítica. Flávio carrega o DNA político necessário para conectar o Brasil a esse novo eixo de poder conservador que se desenha ao redor do planeta. Ele não é o candidato do "talvez", não é um gestor que o Centrão deseja para manter seus feudos; ele representa a continuidade de um projeto que entende a linguagem da direita global, de um nacionalismo propositivo, de uma pauta de costumes clara e de alinhamento estratégico com o Ocidente.

As críticas vêm porque têm de vir, mas o motivo delas diz mais que as palavras. Criticar a escolha de Flávio Bolsonaro é incorrer no erro da frase de Anton Chigurh. Lutar para manter as regras de "civildade" e "composição" do passado, que serviram apenas para pavimentar o caminho da esquerda e enfraquecer o caráter nacional, é loucura. Se quisermos resultados diferentes, se quisermos um Brasil soberano, integrado às cadeias de valor das democracias ocidentais e livre das influências perniciosas que desejam manter o país pobre eternamente, precisamos abandonar as regras que falharam. A candidatura da direita precisa ter clara a ideia que, em um mundo de lobos, não se envia ovelhas para negociar, por mais bem-vestidas que elas estejam. O Brasil precisa de força, e a hora da moderação já passou.

- **Regras mortas:** Apego do centrão e da elite financeira a consensos dos anos 90, mesmo após o esgotamento político, moral e estratégico dessas fórmulas.
- **Novo eixo conservador:** Ascensão de lideranças nacionalistas, reindustrialização orientada pelo Estado e prioridade geopolítica sobre o lucro em EUA, Europa e América Latina.
- **Força ou irrelevância:** Escolha de uma candidatura com identidade clara como condição de sobrevivência nacional num cenário internacional hostil e competitivo.

